

Território, territorialização e territorialidade na perspectiva da Música Popular Brasileira

Lucas Labigalini Fuini¹

Resumo

O presente minicurso, com duração de 4 horas, pretende contribuir com o ensino de Geografia, tanto em nível escolar quanto no nível de graduação, através da perspectiva de investigação do conceito de "território" e suas novas perspectivas de análise muito difundidas na Geografia brasileira, como as concepções de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e as territorialidades e desterritorialidades. Nesse sentido, utilizaremos do recurso audiovisual da música, com seus sons, ritmos e letras, em especial da música popular brasileira, para contextualizar e explicar tais noções e conceitos fundamentais para a ciência geográfica, mobilizando a didática e intertextualidade das canções para construir a mediação entre conceitos científicos e conceitos escolares, tarefa fundamental para o ensino de Geografia.

Introdução e referenciais teóricos

O território aparece como um dos conceitos fundamentais da ciência geográfica, construindo o edifício dessa ciência desde que ela se constituiu em termos oficiais e institucionais, a partir do final do século XIX. Sendo conceito, ou seja, uma abstração a designar um conjunto de relações e processos, o território também apresentou, no desenrolar da história do pensamento geográfico, diferentes designações, conforme o contexto histórico ou o referencial filosófico e ideológico a tratá-lo.

Mais recentemente, a ciência geográfica retoma com ímpeto o emprego desse conceito para a análise da realidade geográfica, obliterando inclusive, outros conceitos fundamentais, como região e espaço geográfico. A ciência geográfica brasileira também passa a se situar nesse debate com mais força a partir de meados dos anos 1990, atendendo ao prenúncio do geógrafo Milton Santos a tratar do "retorno do território", ou do território usado, como ele mesmo definia (SANTOS, 2002). O "território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado" (SANTOS, 2002, p. 16), onde se encontram as horizontalidades (lugares vizinhos, continuidade territorial, espaço banal) e as verticalidades (pontos distantes uns dos outros ligados por formas de processos sociais, redes).

Posteriormente, outros geógrafos se inseriram nesse debate e voltaram seus olhares ao conceito, com especial atenção para as novas qualidades que assumia com o processo de globalização e mundialização da economia e os movimentos de reestruturação produtiva do território (CHESNAIS, 1996; CASTELLS, 2003). Assim, aparecem com força também outras

¹ Professor Assistente Doutor do Curso de Geografia da Univ. Estadual Paulista/Unesp, Campus de Ourinhos. É coordenador do projeto regular de pesquisa FAPESP, integrante do Grupo de Pesquisa/CNPq sobre "Processos e Dinâmicas territoriais" (DITER) e coordenador do Laboratório de Geografia Humana. É responsável pelo Grupo de Estudos de Música em Geografia (GEMUG), desenvolvendo projetos de extensão e educação. Email: lucasfuini@ourinhos.unesp.br.

duas especificidades do território: seu conteúdo, ou as territorialidades e, sua ação ou movimento, as territorializações, desterritorializações e reterritorializações.

Em suma, o território é o recorte espacial definido por relações de apropriação, poder e de controle sobre recursos e fluxos baseado em aspectos políticos, econômicos e culturais (HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2007; SPÓSITO, 2004). O território contém formas diversas de apreensão e de manifestação individual e coletiva de um Estado, grupo cultural, classe social ou atividade econômica.

Isso é chamado por territorialidade, ou seja, o próprio conteúdo do território, suas relações sociais cotidianas que dão sentido, valor e função aos objetos espaciais. Essas territorialidades são associadas aos diferentes tipos de usos do território. A desterritorialidade seria, portanto, resultado de um processo de desterritorialização, na perspectiva do desenraizamento dos produtos, capitais, mão de obra e, sobretudo, de grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos em processos de transferências de fronteiras e identidades territoriais. Trata-se um processo de transferência de fronteiras, raízes, centros decisórios, pontos de referência nas esferas econômica, política e cultural (IANNI, 1992; apud NEVES, 2002).

Haesbaert (2006) reivindica o uso da noção de “multiterritorialidade” à dinâmica combinada de múltiplos territórios em termos de justaposição e convivência da diversidade territorial representada pelas dimensões sociais, escalas e dinâmicas.

52

Essas dinâmicas se desdobram num *continuum* que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja dicotomicamente separado do outro. No caso de um indivíduo ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi) territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço (HAESBAERT, 2006, p. 341).

Poderíamos tratar então de territorialidade associada a grupos sociais, eventos culturais e religiosos, intervenções públicas, investimentos privados etc. A territorialidade se expressa em espaços e tempos distintos e, às vezes, simultâneos, como é o caso dos centros urbanos, com as territorialidades do comércio entrecruzadas pelas territorialidades das tribos urbanas, do trânsito, das igrejas, enfim, com a justaposição de territorialidades sagradas e profanas. Até mesmo podemos tratar de territorialidades cíclicas, com o uso de espaços urbanos pela atividade empresarial durante o dia e, à noite, pela prostituição e por usuários de drogas, por exemplo.

Já a territorialização, ou reterritorialização, seria o movimento de se constituir referenciais simbólicos e identitários (materiais e imateriais) junto a um recorte espacial definido, dotando-o de unidade. Poderia ser também chamada de *enraizamento territorial*, vinculando populações, empresas e instituições de governo ao território. A desterritorialização, em seu oposto, representa a extroversão e desenraizamento de povos, atividades sociais e econômicas e comunidades de seus territórios, correspondendo à perda de identidades e do enraizamento. A reterritorialização, por sua vez, compreende o

movimento de reconstrução e retomada de laços de identidade e inserção territorial sob novas bases de qualificação.

Segundo Haesbaert (1999), uma das marcas centrais do movimento de desterritorialização moderno e globalizado seria a produção de aglomerados, símbolos da chamada “desterritorialização extrema” e “precária”, que nos trazem a perspectiva de uma massa disfuncional sem identidade e espacialmente definida por um ponto, linha ou superfície. Haesbaert (2006) e Ramos (2004), quando realizou sua fundamental reflexão sobre a desterritorialização do capital e da população e cunhou a relação entre redes e aglomerados, dá enfoque aos conjuntos populacionais em situações de exclusão social e marginalização econômica. Ao sistematizar uma tipologia para aglomerados, aparecem três tipos centrais: aglomerados radicais, marcados pelas condições de vida precárias e extremas, como os refugiados e deslocados em áreas de países pobres; aglomerados tradicionais, vivendo em situações endêmicas de exclusão e fome (Ex.: sertão nordestino brasileiro); e os aglomerados transitórios ou conjunturais, geralmente de caráter ilegal ou clandestino e marcados pela violência e medo (Ex.: favelas dominadas pelo narcotráfico).

Mais recentemente surge outra linha de análise territorial, também preocupada com os modos de apropriação simbólicos e culturais, definida pelas “microterritorialidades”. Segundo Fortuna (2012), a microterritorialidade seria uma modalidade de socialização articulada a valores, subjetividades e afetos, reconhecendo formas de organização social não-institucionais e transformações radicais de valores e estilos de vida. A microterritorialidade pode também ser abordada como uma escala interpretativa dos eventos motivadores de ações territoriais, sendo notada de forma mais concreta através dos estilos de vida urbanos e suas manifestações coletivas e individuais. Um exemplo dessa perspectiva seria o trabalho de Turra (2003) sobre o movimento punk em Londrina, conforme a perspectiva das representações e apropriações espaciais por um grupo de jovens com identidade cultural e territorial.

Esse trabalho de reflexão e ensino sobre conceitos geográfico, como de “território”, pode ser realizado com uso de músicas populares. Kong (1995, apud KONG, 2009) reconhece que a música popular ainda não foi reconhecida com área de investigação geográfica. Pontua que a música é um elemento de penetração em todas as sociedades conhecidas, sendo elemento constitutivo do cotidiano e da identidade das pessoas. Assim, delinea fatos que podem estimular a constituição de um programa de pesquisas sobre “Geografia da música”: 1º.) A música de um determinado local traz imagens dele; 2º.) A música pode servir como fonte primária para se compreender o caráter e identidade dos lugares; 3º.) A música é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais de “espaço” e de “lugar”; 4º.) A música é o resultado de experiências ambientais.

Carney (2007) busca entender a música através dos lugares (*topofilia*) e entre diferentes lugares (*heterotopia*), estabelecendo padrões, similaridades, diferenças e conexões. Nesse sentido, o autor nos mostra as possibilidades de se estudar conjuntamente os lugares e a música através de uma hierarquia de lugares, revelando as diferentes formas de percepção e manifestação musical, conforme as ruas, bairros, cidades, estados e

províncias, regiões e nações, elementos espaciais que são associados a diferentes tipos de lugares. Posto isso, os lugares também podem servir como: fontes de inovação e de resistência musical; fontes para composição musical através de seus elementos naturais; referências para movimentos espaciais de gêneros e subgêneros musicais e, por fim; como instrumento para percepção e construção de imagens e mapas mentais sobre os lugares.

Desse modo, percebe-se a vinculação entre os conceitos geográficos e as referências e contextualizações que a músicas nos oferecem para seu entendimento, servindo como recurso científico e didático para seu entendimento e apropriação.

Objetivos

O presente minicurso tem como objetivo desenvolver um raciocínio geográfico (CAVALCANTI, 1998) sobre o conceito de território e suas dinâmicas mais recentes com uso de letras da música popular brasileira. A desterritorialização, reterritorialização e as territorialidades múltiplas podem ser analisadas com as referências históricas e geográficas que nos trazem as músicas, servindo como recursos discursivo e mediação didática para o trabalho de pesquisa e docência em Geografia. Além de atualizar os participantes sobre as novas tendências da discussão territorial na Geografia brasileira, pautada nas perspectivas de relações de poder (RAFFESTIN, 1993); do território usado (SANTOS, 2002; SANTOS; SILVEIRA, 2010) e do território imaterial/simbólico (SPÓSITO, 2003), pretendemos demonstrar que a ciência geográfica e suas pesquisas de vanguarda devem ser apropriadas pela escola em seu trabalho educativo, atuando a música como mediação no processo de construção de conceitos.

54

Justificativa

As justificativas para a realização desse minicurso decorrem do papel chave que o conceito de território exerce nas pesquisas científicas da Geografia brasileira contemporânea. Além disso, também ressalta-se o destaque que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (2002) dão para os conceitos, dentre os quais o de território, como eixos estruturantes no ensino-aprendizagem de conteúdos, habilidades e competências. E, por fim, há um reconhecimento atual da importância da música como inspiração para investigações sobre lugares e paisagens, pois aparecem como relatos de cotidianos e eventos socioespaciais (SANTOS, 1996), além de exercerem um papel pedagógico fundamental de estímulo e aproximação dos alunos com os conteúdos escolares e como ferramenta de exercício da criatividade e autonomia (FUINI, 2013).

Material e métodos

A) Exposição de uma breve quadro explicativo sobre conceitos científicos e escolares e o conceito de território na Geografia, conforme autores selecionados (RAFFESTIN, 1993; COSTA, 2004; SAQUET, 2007, SANTOS, 1996, 2010);

B) Realizar a audição e análise das letras de música (*Sobradinho*: Sá e Guarabyra; *Saudosa Maloca*: Adoniran Barbosa; *Aluga-se*: Raul Seixas e Cláudio Azevedo; *Disneylândia*: Titãs) e

trabalhar seus trechos de forma a incorporar as perspectivas da territorialização, com seus prefixos do "des" e "re"; e a ideia de territorialidades, com seus prefixos do "des" e "micro";

C) Durante a análise das músicas, conforme sua contextualização histórico-geográfica, definir também as noções de "território político", "território cultural" e "território cultural";

D) Desenvolver uma proposta de síntese final com os participantes, propondo a eles a elaboração de uma proposta avaliativa (uma dissertativa e uma objetiva) mobilizando o texto musical para permitir uma reflexão sobre as diferentes dinâmicas do "território".

Discussão

A música "Saudosa Maloca" foi lançada pelo famoso sambista paulista Adoniran Barbosa em 1951, aparecendo como exemplo emblemático do processo de urbanização e metropolização do espaço e a especulação imobiliária, com a segregação das classes mais pobres no espaço urbano que perdem suas moradias e migram para as periferias. Escrita em linguagem informal, típica dos trabalhadores e pessoas simples, a música traz uma série de trechos que remetem as identidades territoriais ("Foi ali seu moço (...)/ Construimo nossa maloca", "Passemos dias feliz de nossa vidas"), a territorialização do capital imobiliário ("Esse edifício arto"/ "Veio os home c'as ferramenta, o dono mandô derrubá") e a desterritorialização das classes pobres ("Peguemo todas nossas coisas"/ "Fumo pro meio da rua"/ "Nóis arranja outro lugar"), gerando o aglomerado de exclusão metropolitano ("Hoje nóis pega paia nas grama dos jardins"). O contexto histórica era do Brasil em processo de industrialização e com discurso nacionalista de crescimento e modernização econômica, com fortes movimentos de êxodo rural. As territorialidades do trabalho e da moradia também são evidenciadas na música.

A música "Sobradinho" é de composição de Luis Carlos Sá e Guttemberg Guarabyra, seu parceiro, em fins dos anos 1970. A música se refere ao contexto de construção da Usina hidrelétrica de Sobradinho, no rio S. Francisco, em 1976, e o impacto social e ambiental que o lago exerceu sobre as vilas e cidades que foram inundadas, remetendo à profecia de Antônio Conselheiro, líder da revolta de Canudos: "O sertão vai virar mar". A perspectiva da "territorialização" da hidrelétrica, com a imposição do discurso econômico, levou à "desterritorialização" de cerca de 70 mil pessoas das localidades citadas na música ("Casa Nova", "Sento Sé", "Pilão Arcado"). A perspectiva de apropriação e produção do espaço ("O homem chega e já desfaz a natureza", "tira gente, põe represa"), originária do território, remete também ao território político da Bahia e a dissolução de diversas territorialidades e identidades culturais que se associavam aos lugares ("Por baixo d'água lá se vai a vida inteira"), produzindo a desterritorialização com exclusão ("O povo vai se embora com medo de se afogar"). O contexto histórico era do Brasil sob égide do regime militar autoritário e com planos de integração nacional via infra-estrutura energética e de circulação, com a meta do crescimento econômico como projeto de país.

A música "Aluga-se", de Raul Seixas e Cláudio Azevedo, lançada em 1980, ainda no período militar, traz uma crítica ao modelo econômico brasileiro. Sua letra contém fortes elementos da perspectiva de território econômico e político ("Negócio bom assim ninguém

nunca viu"/"Alugar o Brasil"), colocando em discussão a soberania nacional face a internacionalização do capitalismo com as multinacionais ("Os estrangeiro eu sei que eles vão gostar"), com a desterritorialização de pessoas de lugares e regiões ("A Amazônia é o jardim do quintal") pela mobilidade do capital transfronteiriço ("O dólar deles paga o nosso mingau"), com homogeneização econômica e cultural ("É tudo free, vamo embora") e a deslocalização exacebada face a "tirania do dinheiro", como nos coloca Santos (2000).

A música "Disneylândia", composta por Arnaldo Antunes e Paulo Miklos, da banda paulistana Titãs, lançada em 1992, faz menção ao processo de globalização e à mobilidade crescente do capital, das pessoas, produtos, dos idiomas e elementos culturais, nesse mundo "aparentemente" integrado e sem fronteiras. A música serve como relato fictício de um mundo interconectado em diversas cenas e situações de interdependência, nos remetendo constantemente à perspectiva da "desterritorialização" e a "reterritorialização" ("Filho de imigrantes russos, casado na Argentina com uma pintora judia"), com a saída de pessoas de alguns países e lugares e fixação e enraizamento em outros. Nos remete também à territórios em perspectiva econômica ("Multinacionais japonesas instalam empresas em Hong Kong", "matéria-prima brasileira"; "madeira colombiana"), política ("armênios naturalizados no Chile", "crianças iraquinas fugidas da guerra", "não obtém visto no consulado americano do Egito") e cultural ("Literatura grega adaptada para crianças chinesas da comunidade européia"). Além disso, expõe também vários elementos de territorialidades e microterritorialidades ("camelôs no bairro mexicano de Los Angeles").

56

Considerações finais

Para Santos (2002), o retorno do território, como noção importante para a análise social, se dá como superação do conceito herdado da modernidade que limitava o território como fundamento do Estado-nação, que o moldava. Assim, com a transnacionalização do território, criam-se novas sinergias e novos vetores de funcionamento do território, como as perspectivas dialéticas que colocam lado a lado as horizontalidades e verticalidades, os lugares contíguos e os lugares em rede, o acontecer homólogo e o acontecer hierárquico, as normas locais e as normas globais.

Desse modo, concebemos o minicurso que propomos como uma atividade a oportunizar a formação de um raciocínio geográfico e espacial sobre o conceito de território e alguns de seus entendimentos e designações atuais, salientando o valor dos conceitos como eixos fundamentais do trabalho de pesquisa e ensino em Geografia, bem como, reconhecendo o papel das canções populares como elementos de contextualização, representação e identificação relacionados aos diversos territórios, territorializações e territorialidades (FUINI, 2012).

Referências bibliográficas

CARNEY, G. O. Música e Lugar. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny, Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CAVALCANTI, L. S. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

- FORTUNA, C. (Micro)territorialidades: Metáfora dissidente do social. Terra Plural, Ponta Grossa/PR, UFGP, v.6, n.2, p. 199-214, jul./dez. 2012.
- FUINI, L. L. O ensino de conceitos geográficos e de seus conceitos através da música. Geografia, Rio Claro/SP, Ageteo, v. 38, n.1, p. 93-106, jan./abril. 2013
- FUINI, L. L. Territórios e territorialidades da música: Explorando a letra musical como relato de cotidianos e lugares. Anais do II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades, Unesp, Presidente Prudente, 2012
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. 2a. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HAESBAERT, R. A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E., et al., Geografia: Conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 165-206.
- HAESBAERT, R.; RAMOS, M. T. O mito da desterritorialização econômica. Geographia, ano 6, n. 12, p. 25-48, 2004.
- KONG, L. Música popular nas análises geográficas. Em CORRÊA, Roberto L.; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). Cinema, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p.129-175.
- SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. 10 a. ed., São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L., Território: Globalização e fragmentação. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.
- SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAQUET, M. A. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SPÓSITO, E. S. Geografia e Filosofia: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Edunesp, 2004.